

# Tempo e Transitoriedade

Juliana Côrte Vitória<sup>1</sup>

Neste ano em que nossa instituição comemora 35 anos de sua fundação, este número de revista comemorativo traz como temática o tempo e a transitoriedade. Podemos dizer que com esta idade que estamos alcançando é possível usufruir o casamento da maturidade que a experiência propicia com o vigor que se goza na juventude.

Em 1915, no texto “Sobre a transitoriedade”, Freud descreve suas reflexões a partir de uma conversa que tivera durante uma caminhada de verão na companhia de um amigo e de um poeta. Mergulhado também na vivência da guerra que se fazia presente, os temas do luto, da libido, do tempo e da transitoriedade perpassam seus pensamentos. Freud percebe que ao poeta tudo aquilo a que poderia dirigir seu amor parecia-lhe despojado de valor por ser fadado a ser transitório e sucumbir à decadência. Responde ao pessimismo do poeta, que dizia que o caráter transitório do que é belo implica uma perda de seu valor, afirmando que, ao contrário, implica-lhe um aumento, e que é justamente no valor da escassez do tempo que está o valor da transitoriedade. Ao final, Freud inclui uma palavra que nos faz clareira ao falar sobre a guerra. Diz ele que ao término do trabalho de luto será possível verificar que nada se perdeu das valorosas riquezas da civilização pela descoberta de sua fragilidade, e pensamos que aí podemos incluir o tema do feminino, que também aparece figurado na capa desta edição.

Se o feminino revela uma posição de fragilidade que diz respeito a todos, o que mais revelaria de nós?

---

1 Psicanalista, membro Efetivo e diretora do Departamento de Biblioteca e Publicações do CEPdePA. Membro do Instituto da SBPdePA.

No trabalho “O tema dos três escrínios”, de 1913, Freud nos traz o tema da escolha entre três irmãs. Nele trata das três relações inevitáveis que um homem tem com uma mulher:

[...] a mulher que o dá à luz, a mulher que é a sua companheira e a mulher que o destrói; ou que elas são as três formas assumidas pela figura da mãe no decorrer da vida de um homem – a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e, por fim, a Terra Mãe, que mais uma vez o recebe (p. 379).

Nessas relações estão os momentos da existência – nascimento e morte e a entrega ao amor. As Moiras na mitologia grega, nos diz Freud, eram três irmãs fiandeiras que teciam os fios da vida. A Cloto, cujo nome significa fiar, cabia significar disposições inatas com suas implicações fatídicas, ou, em outras palavras, tecer o fio da vida. Láquesis designava o acidental que se incluía na regularidade do destino, sorteando as boas e más fortunas que se ganham ao longo da vida. E a última irmã, Átropos, cortava o fio da vida, o inelutável, a morte. Através das irmãs fiandeiras também podemos ver aspectos do feminino, que é nascente, vida, sedução, horror, fragilidade e, por fim, morte. Fragilidade paradoxal pois libertadora, uma vez que é justamente a partir do encontro que temos com esta posição que podemos produzir os caminhos criativos para viver.

Esta edição traz uma seção chamada Memória Histórica, em que, a convite da diretoria, a colega Valéria Quadros revisita uma publicação feita em nosso boletim comemorativo de 20 anos e traça reflexões a partir de suas considerações de nossa história institucional.

Pareceu-nos enriquecedor publicar também nesta edição a última longa entrevista que Freud concedeu, feita pelo jornalista americano George Sylvester Viereck. Nela, entre tantas preciosidades, Freud diz que a morte é companheira do amor, e que juntos governam o mundo.

Desejamos vida longa ao CEP e uma boa leitura!